An embroidery on a circular wooden hoop. The central focus is a tree with a brown trunk and branches, green needle-like leaves, and numerous clusters of yellow flowers. To the right of the tree, a child is depicted in a swing, with a blue body and brown limbs. The ground is represented by a row of small, dark brown stitches. The background is a light-colored fabric.

## vamos na árvore?

Pequeno diálogo  
com as crianças  
e as árvores.



Karlla T. D. P. Almeida

**Vamos na Árvore?**  
**Pequeno diálogo com as crianças e as árvores.**

Curitiba  
2022

# A CASA TOMBADA

Lugar de Arte, Cultura e Educação

*FACONNECT*

Karlla T. D. P. Almeida

## **Vamos na árvore?**

### **Pequeno diálogo com as crianças e as árvores.**

Trabalho realizado sob a orientação da Profa. Dra. Miraira Noal Manfroi, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu "A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis".

Curitiba

2022

## RESUMO

Este trabalho revela o diálogo entre as crianças e a natureza, mais especificamente as árvores do quintal de uma escola de Educação Infantil. A partir da observação e escuta antropológica das falas, gestos e desenhos das crianças, trata da espontaneidade da busca dessas mesmas pelos desafios e vivências impostas pelas árvores. Numa costura com autores como Bachelard e Manoel de Barros, revela que o encontro com a materialidade dos elementos naturais pode despertar nas crianças sensações, impressões e sentidos fazendo trabalhar uma “imaginação vital”, ativando potências internas no ser da criança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antropologia da infância. Criança. Natureza. Educação infantil.

## ABSTRACT

---

This work reveals the dialogue between children and nature, more specifically the trees in the backyard of a kindergarten school. From the anthropological observation and listening to the children's speeches, gestures and drawings, it deals with the spontaneity of their search for the challenges and experiences imposed by the trees. Looking for authors like Bachelard and Manoel de Barros, he reveals that the encounter with the materiality of natural elements can awaken sensations, impressions and senses in children, making a “vital imagination” work, activating internal powers in the child's being.

**KEYWORDS:** Childhood Anthropology. Child. Nature. Child education.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>MEMORIAL</b> .....	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>PASSOS DA CAMINHADA</b> .....	<b>10</b>
2.1	SER ESTRANGEIRA NO PRÓPRIO TERRITÓRIO. ....	10
2.1.1	A Escolha do Campo.....	11
2.1.2	Adentrando o quintal mágico das crianças. Breve descrição do campo.....	13
2.2	ENCONTRANDO O INÉDITO NO COTIDIANO COM A AJUDA DA OBSERVAÇÃO DE PLANTAS.....	16
<b>3</b>	<b>QUE ÁRVORES SÃO ESSAS?</b> .....	<b>22</b>
<b>4</b>	<b>TRANSFORMAÇÃO NO TEMPO</b> .....	<b>25</b>
<b>5</b>	<b>A ÁRVORE COMO UM SER TERRESTRE E A ÁRVORE COMO UM SER AÉREO.</b> .....	<b>28</b>
5.1	AOS PÉS DA ÁRVORE. (INTIMIDADE, REFÚGIO).....	29
5.2	SUBINDO .....	31
5.3	O TOPO. A CHEGADA.....	34
<b>6</b>	<b>ENTRE A TERRA E O CÉU. ASAS E RAÍZES</b> .....	<b>38</b>
<b>7</b>	<b>PEQUENA CONCLUSÃO.</b> .....	<b>42</b>
<b>8</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>47</b>
	<b>APÊNDICE 1 - QUEM PARTICIPOU DESTA PESQUISA</b> .....	<b>48</b>
	<b>APÊNDICE 2 - DESENHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS</b> .....	<b>49</b>
	<b>APÊNDICE 2 - DESENHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS</b> .....	<b>50</b>
	<b>APÊNDICE 3 - MODELO DE AUTORIZAÇÃO SOLICITADO ÀS FAMÍLIAS</b> .....	<b>51</b>



## 1 MEMORIAL

“Eu queria aprender o idioma das árvores”

(<sup>1</sup>Manoel de Barros)

Impossível começar este trabalho sem falar um pouco sobre minha trajetória dita “profissional” a qual me fez chegar até o campo onde realizei essa pesquisa e também contar um pouquinho da criança que fui, que ainda vive em mim e que aponta a todo momento na direção das crianças com as quais convivo e, nesse momento específico, aponta para as “crianças e as árvores”.

Iniciei este percurso, com um desejo - o de “ouvir as crianças”. Não a partir de teóricos e sim a partir delas próprias. Desejo esse, que de alguma forma, me acompanha desde os tempos de “Profe” (era como me chamavam meus alunos).

Após 6 anos como Professora de Educação Infantil e mais alguns como estagiária, fiz uma ruptura com a escola por não suportar mais estar com meus alunos em ambientes que feriam o que eu acreditava ser importante para eles. Dessa ruptura, nasceu o desejo de escutar melhor o que as crianças tinham a me dizer e o desejo imenso de contribuir para que as infâncias fossem mais compreendidas e que as crianças pudessem usufruir de espaços e rotinas (no caso das escolas) mais amigáveis para seu desenvolvimento integral.

Rompi com as escolas tradicionais e iniciei uma trajetória autônoma de estudar as infâncias e ofertar cursos e oficinas para pais e educadores. Após peregrinar por diversos espaços institucionais falando sobre as crianças, sobre as suas necessidades, buscando incansavelmente defender a importância de tempos mais alongados para o brincar espontâneo, de uma rotina que não privilegie as experiências cognitivas em detrimento das demais, de espaços físicos e atendimentos mais adequados - fundamos (eu e meu esposo - Daniel) em 2017 a Cabana dos Brinquedos, local onde pude realizar essa pesquisa de campo, uma escola quintal, lugar de muito cuidado e espaço verde, que atende crianças de 2 a 5 anos.

---

<sup>1</sup> Ao longo do trabalho citarei alguns trechos de poemas de Manoel de Barros contidos no livro Poesia Completa Manoel de Barros (2010).

A Cabana estava em seu segundo ano de funcionamento, quando vi a divulgação do curso e o título - “A vez e a voz das crianças” traduziu o que estava buscando naquele momento. Agora, liberta das burocracias das escolas tradicionais, buscando consolidar uma proposta que escutasse efetivamente as crianças, tudo que desejava era aprender a ouvi-las.

No primeiro dia de curso, Adriana Friedmann nos desafiou a recordar uma cena, um momento da infância em que tivemos “Vez e Voz”. Não precisei pensar muito, retornei àquele quintal encantado, embaixo daquela árvore onde muitas casinhas eram construídas, um tempo sem tempo, sem a interferência dos adultos, onde podíamos brincar em paz. Éramos somente nós, as crianças e a árvore, uma árvore frondosa que dava cachos de frutos amarelados, redondinhos que os adultos diziam ser proibido comer, pois era veneno. As crianças e o quintal, a terra, as folhas que viravam poções, as pedrinhas catadas, a água que pegávamos escondidos, panelas, potes e tantas outras coisas. O tempo cronológico parecia parar, entrávamos numa espécie de fenda desse tempo e a realidade era suspendida. Podíamos, então, ficar a sós conosco mesmos.

Não fui uma criança peralta, não fui uma criança que subia em árvores. Mas por algum motivo elas, as árvores, me fascinam. Não só as árvores, as crianças também.

A menina que fui não se arriscava, não se atrevia a desobedecer aos adultos, quando esses diziam “cuidado! é perigoso!” “cuidado! não suba!” “cuidado, pode cair!”. Assim o medo foi fazendo parte das brincadeiras, das fantasias daquela menina e a vida passou a ter ares de perigo. Mas tinha um lugar onde o perigo não alcançava, onde ela se sentia completamente segura. Era a casa de seus tios, era a companhia deles e dos seus primos, nas visitas às chácaras em domingos de sol, nas pescarias, nas brincadeiras dentro dos quintais. Lá, esse lugar que ultrapassa o sentido de um lugar físico e que passa a ser um sentimento, um lugar dentro - o medo não rondava. Lá naquela casa e naqueles quintais, só se tinha medo mesmo era do bicho papão, da bruxa, do homem do saco ou dos filmes de terror. O tempo era “alongado”, os pés eram sempre descalços, as roupas eram sempre sujas e os banhos de mangueira garantidos!

A criança medrosa que fui, preferia a sombra das árvores frondosas e o devaneio das brincadeiras de casinha do que as alturas das copas e o vento no rosto.

Mas de alguma forma as árvores sempre estavam lá. Especialmente naquele quintal da casinha de madeira pintada de verde da minha infância que insiste em retornar agora nos meus devaneios de adulta através dos meus bordados (como este que insere este capítulo) e no desejo de olhar as crianças e sua amizade com as árvores.

As crianças e as árvores, dois enigmas que me fascinam e por vezes me apavoram. Fascinação e medo, aproximação e repulsa. As crianças com as quais pude conviver ao longo desses 15 anos de estrada na Educação Infantil sempre me trouxeram esse misto de sentimentos. O desconhecido tem esse poder, o poder de mobilizar, de movimentar aquele que ousa se aproximar. Talvez por não ter podido subir em muitas árvores, por ter essa recordação de uma infância por vezes cerceada pelo medo e pelos perigos narrados pela voz dos adultos - as árvores, o contato das crianças com a natureza seja um tema que me fascina.

Quando rompi com a escola, desejei nunca mais estar como professora de crianças pequenas, naquela época não entendia bem o porquê, achava que não era uma boa profissional, me cansava muito, estava sempre doente, gastrites, faringites e cordas vocais machucadas. Mas todos diziam que minhas turmas eram as melhores, as mais participativas, mais comportadas. Somente hoje, consigo compreender que minhas angústias, meu cansaço, minha sensação de incompetência profissional tinham ligação com uma ferida que foi se abrindo dentro de mim quando exigia silêncio das minhas crianças, quando cerceava os movimentos espontâneos dos meus alunos de 4 e 5 anos para que pudessem aprender esta ou aquela letra, este ou aquele conteúdo. De certa forma eu sabia que aquilo não era certo, pois o que eles mais queriam era brincar em paz, o lugar da escola que mais gostavam era o parquinho e a área verde.

Por algum tempo precisei me afastar das escolas e das crianças para poder compreender que é possível estar com elas, numa relação muito diferente da que tinha aprendido a estar, como pedagoga e professora. Hoje não há mais ferida e ingressar neste percurso antropológico de olhar para as crianças, adentrar seus esconderijos, “espiar pelas frestas” como diz Adriana Friedmann, me autorizou a continuar construindo uma nova forma de estar com elas.

Agora, já me permito gostar de sentar entre as crianças e apenas olhá-las com a intencionalidade aberta, sem pretensões pedagógicas, sem expectativas de aprendizagens, apenas na expectativa do encontro. E elas me contam tantas coisas.

Foi com elas que aprendi a subir em árvore. Eu menina medrosa, eu menina calada, tive voz ao escutar as crianças, ao perceber a sua paixão pela natureza, sua amizade pelas árvores. Tive contato com medos que me rodeavam e eram sem cara, sem nome e que, por isso, eram tão angustiantes. Mas que passaram a ter nome como - sujar, cair, machucar, bater, doer, chorar - e que puderam ser pensados, falados, ressignificados e colocados nos seus devidos lugares e não mais em toda parte como era na vida daquela menina medrosa.

Pude devolver para minha criança que foi e ainda é, sua voz, ao buscar ser porta voz das crianças que vi e ouvi.

Nos capítulos se seguem conto um pouco sobre o campo de trabalho, sobre como se deu a observação, os desafios e descobertas. Em seguida descreverei mais detalhadamente as árvores contidas no quintal e sua história. Enfim contarei um pouco do que vi e ouvi das crianças e sua relação com as árvores, desde as raízes (o chão, a terra) até a copa (o ar). Utilizando como lanterna os estudos de alguns autores dos quais emprestei a linha e a agulha para bordar algumas reflexões.



\*bordado feito por  
Karlla Almeida

# Passos da Caminhada

## 2 PASSOS DA CAMINHADA

*“Caminhante, é o teu rastro  
o caminho, e nada mais;  
caminhante não há caminho  
o caminho faz-se a andar.  
(Machado apud Alves, 2001, p. 11)*

### 2.1 SER ESTRANGEIRA NO PRÓPRIO TERRITÓRIO.



**“Karlaaaa! Olha eu aqui!”**

**(grita <sup>2</sup>Vicente (5 anos) do alto da amoreira)**

*“as pedrinhas do nosso quintal  
são sempre maiores do que as outras pedras do mundo.  
Justo pelo motivo da intimidade.” (Manoel de Barros)*

---

<sup>2</sup> No decorrer da pesquisa será utilizado o nome próprio das crianças, assim como fotos do cotidiano delas contendo seus rostos de conformidade com suas famílias que autorizaram verbalmente e por escrito (em apêndice 3) a instituição a realizar esta pesquisa desta maneira.

### 2.1.1 A Escolha do Campo

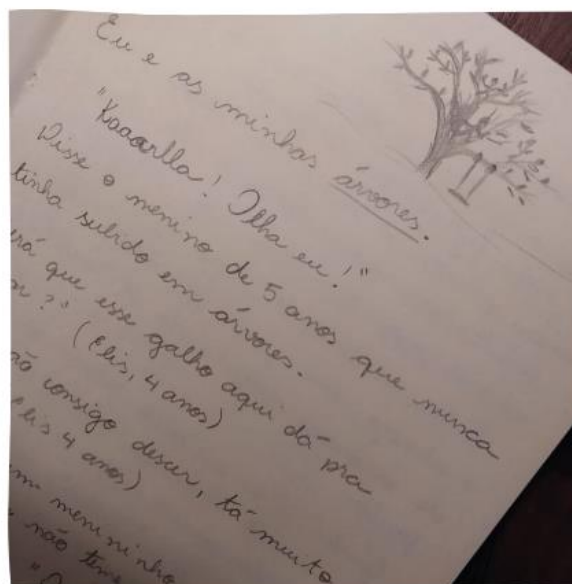
O local que escolhi como campo de pesquisa faz parte da minha trajetória de vida, vida pessoal e profissional. É o meu chão de todos os dias há quase 6 anos. Anos de muito trabalho, persistência e crença na natureza das crianças. Lugar onde pude escolher estar e construir, tijolo sobre tijolo, com a ajuda de muitas mãos e corações que pulsam na mesma sintonia - a de Cuidar das Infâncias. Construção essa que não tem fim, que se faz todos os dias um pouquinho, numa proposta pedagógica que é orgânica e não estática.

Lugar este, onde posso estar com as crianças sem as amarras dos conteúdos e atividades preestabelecidas por manuais e cartilhas. Onde se pode ver crianças correndo e brincando livremente, entre várias idades, num espaço de natureza, descalças, bochechas rosadas, riso no rosto. Uma escola quintal, sem salas de aula, onde se passa a maior parte do tempo fora, num espaço de natureza abundante.

E foi esse espaço, o de fora, o quintal, que para mim era mágico, que escolhi olhar mais de perto. Mas tinha um desafio pela frente, ver o inédito nesse cotidiano tão íntimo, tão meu de todos os dias. Isso implicaria ser estrangeira no meu próprio território. Por um instante titubeei e acreditei ser impossível. Num outro instante, me sentei no quintal e silencieei para olhar em volta, apenas olhar e tentar me ver observadora deste inédito. Até que escuto lá do alto da amoreira: *“Karlaaaaa! Olha eu!”* (Vicente, 5 anos)

Após passar dias e dias tentando subir nessa árvore, a amoreira, Vicente conseguiu! E eu pude ver e ouvir sua alegria e contentamento na vitória da subida. Seu olhar maravilhado lá de cima, olhando a gente lá embaixo, depois olhando por cima dos telhados das casas vizinhas.

Sim, era possível! E essa foi a minha primeira anotação no diário de registro desta pesquisa.



Então decidi escutar o poeta e adentrar fundo nessa intimidade que possuo com este lugar que para mim é tão caro e tão especial - A Cabana dos Brinquedos.

*A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. (Manoel de Barros)*

Depois daquele dia, o que mais ouvi das crianças foi “olha eu”, “olha eu aqui”, “olha como estou alta”. E sempre que diziam isso, estavam nas árvores, em cima delas, se balançando, pulando, subindo, descansando, balançando nas redes.

Um chamado? Sim, muitos chamados! Decidi escutá-los e passei a olhar de uma outra maneira as crianças e as árvores. Essas árvores que aparecem tanto nos meus bordados. A partir daquele dia seriam bordadas de uma maneira diferente, mais minuciosa e com a intensidade do encontro com as crianças. As crianças iriam escolher as cores dos fios, as tramas, as texturas que eu iria usar para compor esse bordado. Eu iria começar a bordar a relação das crianças com as árvores.

O fato de pesquisar um campo tão íntimo, me fez escolher uma voz mais íntima de narrativa que para mim fica mais confortável e verdadeira. Então quando me referir ao campo direi “aqui” e não “lá”. Na verdade, ainda estou na dúvida se conseguirei sustentar este “aqui” sem atrapalhar o olhar estrangeiro. Se a pesquisa como um todo ganhará ares de uma falta de neutralidade ou imparcialidade. Mas o fato é que escrever de um lugar “neutro” seria para mim estranho, “inverdadeiro”, “fingimento”, ou falsidade. Por isso, durante todo o processo de observação, busquei me colocar como estrangeira, deixando meus saberes sobre as crianças e o local um pouco de lado, mas também me aprofundando na relação que já tinha com as pessoas, as crianças e o território como um todo. O desafio foi olhar e escutar como uma estrangeira para conseguir ver o novo no cotidiano de todos os dias.

#### 2.1.2 Adentrando o quintal mágico das crianças. Breve descrição do campo.

A Cabana dos Brinquedos é uma escola quintal sem fins lucrativos que atende crianças de 2 a 5 anos sem divisão etária artificial. Lugar de muita natureza e onde o brincar espontâneo tem espaço privilegiado.

Seu espaço físico foi inaugurado em 2017. Porém, a iniciativa existe desde 2012 com atividades voltadas para pais e educadores: cursos, palestras, oficinas de manualidades (confecção de brinquedos), encontros de mães e pais. De 2012 para cá, muita coisa mudou na forma de atendimento da Cabana, no entanto o desejo que nos guia e guia a todos que daqui se aproximam continua o mesmo:

“Cuidar das Infâncias. Disseminar uma ética de respeito e valorização das crianças, para que possam exercer todo seu potencial criador.”

Atuamos na Cidade de Curitiba, na Rua Frederico Cantarelli, número 566, no bairro Bigorriho. Atendemos cerca de 20 a 30 crianças e suas famílias, no período da tarde, das 13h30 às 17h30, ofertando também a possibilidade do contraturno escolar a partir das 9h30 para crianças já matriculadas no período regular. A capacidade máxima de atendimento para a proposta que sustentamos é de 30 a 35 crianças no máximo. As crianças atendidas possuem entre 2 e 5 anos de idade.

Nosso espaço físico contempla uma casa ampla e arejada com 130m<sup>2</sup>, uma garagem de brincar coberta com 55m<sup>2</sup> e um quintal repleto de árvores frutíferas, brinquedos, elementos da natureza e, é claro, nossos animaizinhos (porquinhos da índia e galinhas), com aprox. 350m<sup>2</sup>.

A equipe é composta por 7 pessoas no total, sendo: 2 educadores de referência, 2 educadores de apoio, uma educadora cozinheira, 2 gestores que também são educadores de apoio.

### **Como funciona esse espaço?**

A metodologia que guia as ações dos educadores é uma metodologia orgânica e artesanal. Parte da prática, das experiências vividas com as crianças. Conhecemos e estudamos alguns teóricos que nos ajudam muito a compreender os fenômenos que acontecem na infância. Mas o ponto principal, o ponto de partida, é olharmos e escutarmos as crianças que estão diante de nós. Crianças reais e não dos manuais de pedagogia ou psicologia. Por isso, não nos denominamos dessa ou daquela Pedagogia, não usamos slogans (Montessori, Reggio, Waldorf, etc) para definir nossa Proposta. Nosso método é construído no dia a dia juntamente com os atores do momento: os educadores, as crianças e suas famílias. Cada qual desses atores carrega consigo suas histórias de vida, seus valores, suas crenças e visões de mundo que, somadas, discutidas e vivenciadas, iluminadas pelas teorias que nos servem, formam a Pedagogia que desejamos sustentar. Uma Pedagogia de respeito às Infâncias.

A casa e o quintal são considerados grandes educadores e são cuidados e preparados para atender às necessidades das crianças. Existe uma rotina estabelecida que se repete todos os dias. Ela se chama “rotina de cuidados” e não “rotina de atividades”. Isso porque, tudo gira em torno das necessidades das crianças e não do que os adultos desejam ensiná-las como nas escolas tradicionais. A rotina de cuidados engloba uma série de ações que remetem ao cuidado individual ou coletivo que se faz para ou com as crianças. São cuidados referentes à alimentação, higiene do corpo, à necessidade de repouso ou recolhimento. Encontradas nos verbos: vestir, trocar, lanchar, dormir, brincar, embalar, ninar, cantar, contar histórias, etc.

Uma rotina que se repete diariamente como uma grande teia em que cada fio representa uma importante ação, seja ela para a manutenção do corpo físico como alimentar-se, ou seja ela para a formação do sujeito como o brincar ou ouvir histórias, cada fio é fabricado e amarrado com a intencionalidade afetiva daquele que cuida.

Nessa rotina de cuidados, o brincar é constante, é a atividade principal e acontece durante todo o período. Diariamente, temos horas fixas para comer, organizar os brinquedos e a casa para ir embora e um horário especial para brincarmos juntos, adultos e crianças, em que um adulto conta uma história, canta uma música ou faz uma roda. Mas o tempo é planejado de uma maneira em que as crianças possam ter janelas grandes de liberdade para um brincar autônomo, com o mínimo de intervenção possível. Isso porque acreditamos que uma das necessidades básicas das crianças é o Brincar. Para exercer essa atividade primordial elas precisam de longas janelas de tempo disponível. Não há atividades dirigidas o tempo todo que vão capturando as crianças de 20 em 20 minutos ou de 30 em 30 minutos, isso é para as empresas e para os adultos. Aqui as atividades são espontâneas e partem das crianças, dos seus desejos, da sua curiosidade e no tempo alongado da infância, não no tempo picotado e apressado dos adultos.

A casa e o quintal são como a casa da gente. Ora bagunçada, ora arrumada. Um lugar simples e aconchegante. Com rampas, escadas, degraus, sem chão emborrachado que alivia o impacto. Tudo real, como a vida deve ser.

Desta forma as crianças podem ter acesso aos ambientes, brincadeiras e parceiros de brincadeiras de acordo com a sua necessidade, com o seu desejo. Dentro deste espaço de liberdade, pude perceber o quanto elas se encaminham para as árvores, sem que haja uma demanda externa, sem que haja alguém no comando direcionando suas ações para esta ou aquela aprendizagem. Adultos que vencem seus medos, acreditam e confiam nas potências das crianças e autorizam suas experiências no ambiente.

Isso só é possível por conta da postura e dinâmica entre os adultos cuidadores que estão lá disponíveis o tempo todo para as crianças como observadores silenciosos que respeitam e valorizam cada gesto, cada dizer espontâneo que surge do brincar. Não há comandos, não há direcionamento de atividades didático/pedagógicas.

### Como as crianças circulam nesse espaço?

As crianças podem circular livremente pelos espaços, não há salas de aula, nem carteiras escolares. No dia a dia estão envolvidas em suas brincadeiras e demandam pouco dos adultos: os maiores (4 e 5 anos) costumam se afastar mais e normalmente brincam em grupos, já os pequenos (2 anos) ficam mais próximos de algum educador acompanhando sua atividade na casa como cozinhar, rastelar, cuidar dos animais, etc. Não há um clima de tensão entre os adultos. Os limites estão bem claros na palavra das crianças, que normalmente são as primeiras a sinalizar quando alguém ultrapassa as barreiras. Os lugares não possuem trancas nas portas e todos respeitam a interdição imposta pela palavra do adulto cuidador. Os perigos são sabidos por todos, que cuidam uns dos outros. As crianças são autônomas em seus movimentos, sobem, descem, escalam com agilidade e segurança. Conhecem todos os espaços, degraus, rampas, desníveis no chão, sendo cautelosos no movimento em alguns momentos e solicitando ajuda de um adulto quando necessário.

### 2.2 ENCONTRANDO O INÉDITO NO COTIDIANO COM A AJUDA DA OBSERVAÇÃO DE PLANTAS.

*Silenciar tudo dentro de mim, para poder olhar,  
Silenciar o turbilhão de coisas, acontecimentos para poder ver.  
Foco.  
Desfocar o arredor.  
Tudo chama minha atenção:  
o chão, o cisco, o reboco espirrado nas folhas do chão, as outras  
folhas em volta.  
Pensamentos.  
Domar os pensamentos que me convidam a sair daqui,  
Domar os pensamentos que querem qualificar, descrever a planta  
já no primeiro encontro.  
Enfim,  
Eu e ela.  
Enfim, por alguns minutos ficamos somente eu e ela.  
E eu consegui finalmente olhar.  
(Observação de plantas - diário de pesquisa 11/08/20)*

Como conseguiria ver o inédito no cotidiano de todos os dias? Essa era a pergunta que me fazia.

Por estar num ambiente já conhecido, tão íntimo e tão próximo a mim; com crianças, as quais acompanho desde que tinham recém aprendido a andar, precisaria de muito foco, e uma dedicação diferente.

Hoje atuo como educadora de apoio, auxiliando nos cuidados com as crianças e como diretora pedagógica, cuidando de algumas questões burocráticas. Minhas funções na Cabana são muito variadas, pois oriento e cuido dos educadores também. Então, precisei me organizar tanto internamente, me colocando no lugar da disponibilidade para observar algo, quanto externamente, reservando horários específicos para parar tudo o que estava fazendo e olhar.

A observação de plantas, experiência que realizei com a professora Rita Mendonça me ajudou a ter esta disponibilidade para escutar as crianças. Em 2020 pude praticar a Observação de Plantas no intuito de afinar a minha escuta e meu olhar, exercitando a disponibilidade para olhar o inédito com uma planta, uma planta do meu jardim que supostamente eu já conhecia, que fazia parte do meu cotidiano e que passava por ela todos os dias. Precisei olhá-la mais demoradamente, marcar encontros com ela.

Nesses encontros com a planta percebi muitas coisas que não percebia em mim e nela. Ao longo de 1 mês de observação, a planta foi se transformando e eu fui transformando minha maneira de enxergá-la. Agora, olhando as crianças no quintal, me parece que vivi um processo muito parecido. Por isso, acredito ser importante citar aqui algumas percepções suscitadas do encontro com a planta que me auxiliaram muito no encontro com as crianças, para que esse fosse o mais natural e verdadeiro possível.

### **Fazer-se disponível.**

Assim como com a planta que observei, com as crianças precisei exercitar o “estar presente” e abandonar um pouco as expectativas e o controle. Coisa que para pedagogos treinados para ensinar e avaliar é bem desafiadora. Mas já estou nessa lida de “desaprender 8 horas por dia” como diz Manoel de Barros há algum tempo, então foi prazeroso poder me sentar e apenas me deixar levar pelas crianças. Na

época estávamos com um educador em falta e foi ótimo, pois precisei estar mais presente nos cuidados e na rotina diária substituindo esse educador faltante, o que me permitiu um tempo mais alongado de contato direto com as crianças.

A disponibilidade para olhar e escutar foi se estabelecendo no fato de ter um “encontro marcado” e também no que acontecia depois desses encontros. Além de encontrar com as crianças periodicamente, precisava encontrar-me comigo mesma também para registrar de alguma forma o que captava delas. Então, separei com muito carinho uma pequena caderneta, sem pautas com espaços para desenhos e o que mais coubesse para ir registrando todos os dias, ou nos dias de maior inspiração, os meus encontros com as crianças.

Eu estava pronta, e elas também! A intenção já estava lançada e ao ouvir o primeiro: “Karlaaaa! olha eu aqui” vindo de cima de uma árvore, estava inaugurado o nosso início, a nossa caminhada.

Iniciamos nossos encontros no mês de Março de 2022. Pude me colocar disponível para olhá-las e escutá-las nesse movimento orgânico e sem pressa, onde algumas semanas não vi muita coisa e em outras vi muito, por 2 meses. O horário de maior proveito, em que conseguia ver mais, captar mais detalhes, narrativas, gestos e movimentos era logo após o almoço. Por volta das 13h, as crianças já estavam no quintal, se reuniam em volta da goiabeira, era hora da sobremesa, da conversa frouxa após o almoço. Goiabeira repleta de goiabas bem bichadas que davam o que falar! Nós comíamos e conversávamos sobre seus novos truques e habilidades em cima das árvores.

### **Intencionalidade aberta e não intervenção nos processos.**

Era preciso não ter roteiros preestabelecidos, não ter objetivos a cumprir ou perguntas a fazer. Era preciso somente disponibilidade, presença. Não como um observador que olha e anota tudo, que fica isolado apenas observando. Era preciso envolvimento e interesse pelas coisas que aconteciam ali.

Optei por não questionar o que as crianças faziam ou porque faziam. Apenas me aproximava, ajudava-os com suas ideias como “encontrar os bichos dentro das

goiabas e fazer uma sopa de <sup>3</sup>bigatos”, ou “encontrar goiabas maduras lá no alto”, “separar as partes boas da goiaba para comer”, amarrar a rede nas árvores quando solicitavam, outras vezes apenas sentar e admirá-los subindo e descendo sem parar das árvores.

Algumas vezes tive vontade de intervir. A mesma vontade que senti com a planta do exercício de observação: Quis retirar uma gota de água da folha, pois sabia, ou achava que sabia, que ela ficando ali por muitos dias, acabaria fazendo a folha se deteriorar mais rápido. Mas me contive. E pude me perceber nesse processo, perceber a importância do lugar de observador, como aquele que olha sem julgamentos, aquele que apenas acolhe o que vê, deixando seu saber, ou suposto saber de lado. Aquele que escuta o fenômeno sem querer modificá-lo ou julgá-lo.

O desejo de intervir com as crianças, veio de alguns medos: da queda, do choro, do arranhão. Assim como com a planta, eram coisas, acontecimentos que eu acreditava saber que iriam acontecer, aí vinha o desejo imenso de intervir, de evitar alguns incômodos que eram mais meus do que das crianças. Me observei e me contive. Antes de qualquer palavra ou ação, inseri a espera. E depois da espera, sempre me surpreendia com as resoluções dos incômodos que me faziam querer intervir.

### **Ferramentas de registro**

Como já mencionei, meu maior companheiro de partilhas das impressões coletadas foi um pequeno caderno, confiante silencioso e paciente que ia recebendo anotações, folhas coletadas, desenhos, narrativas das crianças, desabafos meus e alguns insights. Os registros aconteciam de maneira livre e sincera com a periodicidade variada, algumas semanas muitas escritas e desenhos e outras apenas vazias.

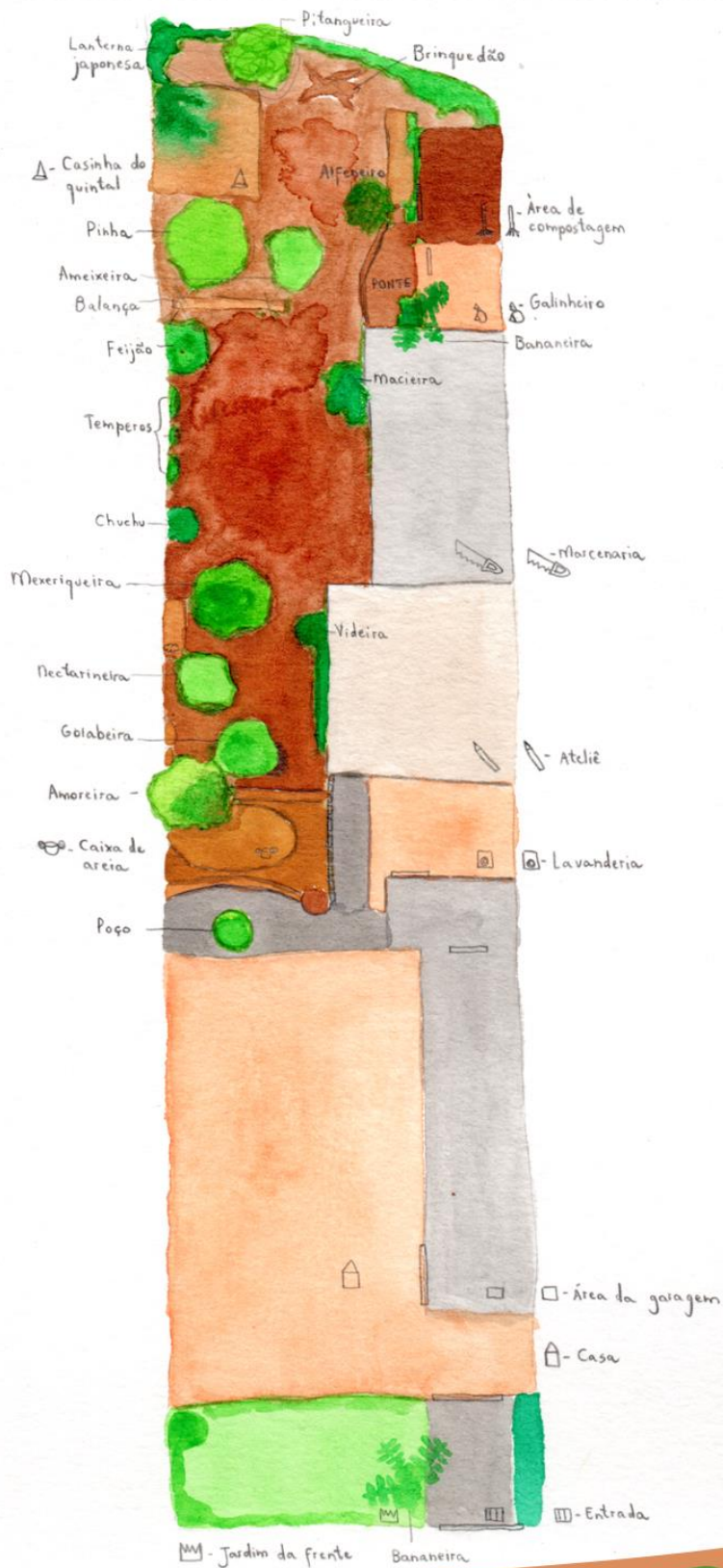
Outro recurso, foram os registros fotográficos e filmagens. Alguns a pedido das próprias crianças que me viam fotografando uma folha, ou um movimento específico, gritavam: “tira uma foto de mim aqui de cima e manda pra minha mãe!”. Optei por utilizar este recurso mais como um auxílio para memória para depois registrar em

---

<sup>3</sup> É como as crianças chamam as larvas grandes e brancas que ficam dentro das goiabas.

forma de narrativa no caderno de campo. No entanto, no decorrer da escrita senti vontade de colocar algumas fotos para ilustrar.

No decorrer do processo, tivemos uma estação muito fria e úmida, o que impediu que estivéssemos lá fora todos os dias. Num momento em que as crianças desenhavam livremente, perguntei se elas gostariam de desenhar as árvores que mais gostam na Cabana. Contei que estava pesquisando sobre a amizade que elas têm com as árvores e que iria contar isso para algumas pessoas da minha escola. Imediatamente recebi muitos registros e continuo recebendo até hoje. Alguns desses desenhos, bordei procurando ser o mais fiel possível ao traço dos seus autores, e estão expostos aqui neste trabalho.



O MAPA  
da  
CABANA

\*mapa feito pela  
educadora  
Luana Auersvaldt

Que árvores são  
essas?

### 3 QUE ÁRVORES SÃO ESSAS?

**Quintal adentro, conforme se vê no mapa acima.**

A primeira árvore que enxergamos é a **Amoreira**, árvore mais cobiçada do pedaço! Possui cerca de 3m de altura, e tem 3 anos de idade. Nasceu aqui neste terreno, só que lá para cima perto do galinheiro. Achamos bom transferi-la para baixo para fazer uma sombra boa na nossa caixa de areia e, claro, cuidamos bem dos seus primeiros galhos para que ficassem bem fortes para as crianças subirem. As crianças que hoje sobem nela, ajudaram no seu plantio.

Seguindo em frente, podemos descansar na rede que fica suspensa entre a goiabeira e a **árvore de nectarina**. Duas queridinhas daqueles que estão começando a se aventurar nas árvores, pois seus primeiros galhos são um pouco mais baixos. Ambas também com 3 anos de idade e cerca de 2m e meio. Foram plantadas de mudas, a goiabeira muda comprada, a nectarina muda feita a partir da semente por quem gosta de cultivar sementes, o Daniel, educador da Cabana que faz a maior parte dos cuidados com as plantas.

Andando uns 3 passos para o lado direito, dependendo da época do ano pode-se comer muitas **uvas** que ficam penduradas no batente do telhado do nosso ateliê.

Subindo mais uns quatro passos encontramos com uma das árvores mais antigas do quintal, dizem ter sido plantada pelo pai do proprietário do terreno, cerca de 40 anos atrás, é a nossa **mexeriqueira**, que dá mexericas doces e bem graúdas. Também serve para se pendurar em dois galhos que parecem ter crescido ali daquele jeito para isso!

Continuamos subindo pelo quintal e nos deparamos com a balança (brinquedo), que abriga dois balanços. Ao seu lado, se olharmos bem, veremos um pequeno **abacateiro**, crescendo quietinho com seu nem 1m de altura ele persiste, foi plantado de semente há 2 anos. Logo atrás dele, temos um pé de **ameixas amarelas**, com cerca de 3 m de altura e 3 anos de idade, também plantado de semente, ainda não nos presenteou com frutos, mas estamos ansiosos na espera.

Olhando para o lado direito, podemos encontrar uma **pequena cerejeira**, ainda pequenina, pois foi plantada recentemente.

Bem atrás da balança está o imponente **pé de pinha**, com 4 anos. Alto, muito alto! Cerca de 8m. Somente os mais corajosos e ousados costumam passar dos primeiros galhos. Plantado de muda ganhada lá dos quintais da minha infância, viajou cerca de 6 horas até chegar aqui.

E a última, mais alta e também mais antiga árvore do quintal - a **pitangueira**. Com mais de 8m, galhos grandes e muito altos, nos dá muitas pitangas nos meses de novembro e dezembro. Também abriga duas balanças bastante utilizadas pelas crianças.

Ah, as **bananeiras** estão presentes em vários cantinhos desse quintal. E são tão generosas que nos ofertam seus frutos o ano inteiro!!

Quase me esqueço do **solitário pé de maçã**, mirradinho e comprido, fica em frente a marcenaria, somente os mais atentos conseguem vê-lo. Tem cerca de 4 anos, foi plantado de semente e nunca deu frutos. Circula uma conversa entre as crianças que é a seguinte: “ele nunca deu maçã pra gente porque não tem um companheiro, é preciso dois pés para dar maçã.”



"Nenhuma tempestade  
impede a árvore,  
ao chegar a hora,  
de tornar-se verde."

(Bachelard)

\*bordado feito por Karlla  
Almeida a partir do desenho  
feito pelo seu filho Felipe (7  
anos) especialmente para esta  
pesquisa.

**Transformação no  
tempo**

#### 4 TRANSFORMAÇÃO NO TEMPO

Eu e Melina (6 anos) estávamos sentadas no quintal jogando conversa fora, quando olho para a árvore de pinha que fica atrás da balança e com ar de assustada digo: “Nossa! caíram todas as folhas!” Melina (6 anos) diz em seguida: “Não se preocupa não Karlla, logo elas voltam”. (registro do diário de pesquisa, 22/09/22)

Cada árvore tem seu ciclo. As crianças presenciam cada um deles e podem vivenciar em suas brincadeiras no quintal cada etapa, aproveitando aquilo que a árvore pode lhes oferecer de material para suas experiências.

No decorrer das observações, pude notar que existe um movimento maior das crianças e dos adultos em torno das árvores que estão dando frutos naquele momento. E o movimento acontecia tanto no alto das árvores como abaixo delas.



Por exemplo, no início do ano de 2022, nos reunimos muito ao redor da goiabeira a procura dos frutos mais maduros. Já em junho, o agito maior era em torno da mexeriqueira que agora (em setembro) não é muito habitada, a não ser quando alguma criança repara nas suas lindas e perfumadas flores brancas que trarão novas mexericas.



Como pássaros, as crianças vão circulando de árvore em árvore e suas brincadeiras, gestos, relações vão se construindo a partir do que as árvores tem a oferecer. Na época das podas, por exemplo, brincam de trenzinho com os galhos que são retirados - algumas crianças sentam sobre eles e outras puxam pelo quintal. Também costumam utilizar os restos de galhos para, com a ajuda dos educadores, construir brinquedos como varinhas mágicas, bonecos, barcos. É bem comum encontrarmos crianças com galhos e paus nas mãos brincando de diversas coisas.



Na época das floradas, se divertem com as flores que caem pintando o chão, como é o caso da pitangueira que faz “chuva de flores” como as crianças costumam dizer, derramando sobre nossas cabeças minúsculas flores empurradas pelos ventos.

As árvores se transformam no tempo, se modificam, mas ainda assim estão sempre lá, disponíveis. Possuem um ritmo inabalável, constante. Sua estabilidade convida as crianças a se aproximarem delas para brincar.

As generosas árvores têm sempre algo a dar: um fruto, uma folha, seus moradores insetos, sua sombra, seus galhos rígidos para um balanço gostoso, suas flores e tantas outras coisas.



\*bordado feito por Karlla Almeida a partir do desenho feito pela Elis (4 anos) especialmente para esta pesquisa.

**A árvore como um ser  
terrestre e a árvore como  
um ser aéreo**

## 5 A ÁRVORE COMO UM SER TERRESTRE E A ÁRVORE COMO UM SER AÉREO.

O pesquisador Gandhi Piorski diz em seu livro *Brinquedos do Chão* (2016) que o elemento Terra é o elemento “enraizador” das crianças no mundo. Não somente a terra como uma materialidade, mas também a imaginação da terra. Baseado nos estudos de Gaston Bachelard e na pesquisa realizada com crianças do norte do Brasil, afirma que existem imagens que habitam o ser da criança antes da percepção das coisas, imagens estas, que moram no inconsciente.

Para Gandhi, o que mora no imaginário das crianças pode ser observado nos brinquedos e nas brincadeiras feitos na natureza, em contato com os elementos naturais. E esse encontro com a materialidade dos elementos naturais pode despertar nas crianças sensações, impressões e sentidos, fazendo trabalhar uma “imaginação vital”, ativando potências internas no ser da criança.

Segundo Bachelard, os elementos naturais são o hormônio que nos faz crescer psicologicamente, destacando aqui o elemento ar:

*Portanto, não estamos em erro, acreditamos, ao caracterizar os quatro elementos como hormônios da imaginação. Eles põem em ação grupos de imagens. Ajudam a assimilação íntima do real disperso em suas formas. Por eles se efetuam as grandes sínteses que dão características um pouco regulares ao imaginário. Particularmente o ar imaginário, é o hormônio que nos faz crescer psicologicamente (Bachelard, 2001, p. 12)*

Essa imaginação vital, quando despertada pelo brincar espontâneo da criança, segundo Gandhi (2016), pode ser regeneradora, um organizador da subjetividade infantil. O que pude perceber através da observação das crianças que brincavam livremente num quintal sem direcionamento por parte dos adultos, é que elas pareciam ser atraídas por esse imponente e estável ser - a árvore. Brincavam no chão e no ar, na terra e no céu.

A árvore me pareceu um grande brinquedo! Mais que isso, uma grande amiga, a qual se espera todos os dias reencontrar no mesmo lugar. Seus galhos, de tanto serem escalados se tornam lisos e marcados pelas crianças e, as crianças por sua vez, de tanto a escalarem tem seus corpos e seus seres marcados pelos desafios

impostos por essa grande árvore que não se move de acordo com seus desejos e lhes convida a exercerem a vontade, conhecer suas próprias forças e em seguida experimentarem a alegria, a sensação de potência, de vitória que é conseguir chegar no topo.

**“Olha!! Eu tô mais alta do que você, eu tô mais alta do que todo mundo!” disse Cora (4 anos), sentada no galho da goiabeira. (trecho retirado do diário de pesquisa, 29/03/22)**

A partir da observação dos movimentos e narrativas das crianças aos pés das árvores, pendurados nelas e em cima delas, fui tecendo a seguir, um encontro entre o que vi e vivi com as crianças e os estudos de Bachelard, especialmente no que toca o tema da árvore terrestre e a árvore aérea, forças das imagens da terra e do ar, do enraizar e do crescer. Imagens estas que se mostraram fortes nas narrativas, gestos e desenhos dessas crianças.

## 5.1 AOS PÉS DA ÁRVORE. (INTIMIDADE, REFÚGIO)

Aos pés das árvores, ali juntinho às suas raízes, as crianças se enraízam.

Tudo começa lá embaixo juntinho da terra, pertinho do chão. Para subir é necessário estar embaixo da árvore. Isso só é possível porque ela está sempre lá, disponível, haja o que houver. Se transformam no tempo, são cíclicas, mas estão sempre ali: “a árvore é um estabilizador, um modelo de retidão e firmeza.” (Bachelard, 2019, p.243)

Durante o período de observação, pude perceber que o primeiro contato das crianças com as árvores acontecia aos pés delas, nesse chão, nessa terra, local onde ela se enraíza, faz morada, se fixa e, depois, aos poucos, as crianças se direcionavam para o tronco, estável, aparentemente imóvel e rígido.

Normalmente as crianças pequenas iniciam suas brincadeiras no quintal mais agachadinhas, sempre junto ao chão, brincadeiras miúdas aos pés das árvores, e aos pés dos seus educadores, não se afastando muito deles. Perto das raízes, as crianças vão se enraizando também, criando seus primeiros vínculos, forjando suas primeiras brincadeiras com as materialidades disponíveis na natureza como areia, terra, folhas e flores. Laboriosas, trabalham e trabalham, cavando buraquinhos, buracões, fazendo poções e chás e tantas outras brincadeiras. Observam e se relacionam com os insetos que moram nos troncos, utilizam suas folhas e restos de frutos para poções e receitas de bolos e tortas incríveis. Podem se balançar nas redes que são colocadas entre as árvores, algumas vezes, até cochilam na rede aproveitando o embalo gostoso e a sombra fresca.

Conforme vão crescendo vão explorando mais todo o espaço físico do quintal e começam a olhar para cima, descobrem os troncos e o topo. Passam a enxergar as crianças maiores que já sobem com destreza e começam a querer subir também.

### Crescer

Me parece que quanto mais eles avançam em aquisições motoras e transformações psíquicas, mas eles olham para as árvores como algo a ser conquistado. Catarina (3 anos) desde que decidiu sair das fraldas não sai de cima das árvores. A cada dia, uma nova peripécia. Pedro, desde seu aniversário de 3 anos tem estado mais na goiabeira disputando espaços. Benjamin (4 anos), depois de conquistar com muito esforço e lágrimas a autonomia para com sua mãe, se permitindo estar um espaço social sem ela, ensaia uma aproximação com as árvores, sobe no degrau do banco e se arrisca segurando no galho da amoreira deixando seu corpo balançar. E as árvores generosamente estão lá para acolher todos esses gestos, toda essa vida. (fragmento de relato do caderno de campo de 13/05/22)

Depois de se enraizarem bem, de terem intimidade suficiente com aquela terra, aquele chão que permitiu muitas investigações, muito trabalho com as mãos na confecção de brinquedos e brincadeiras com aqueles elementos advindos da própria árvore e do entorno dessa árvore. Depois de terem mergulhado na intimidade das coisas e na intimidade dessas matérias e conseqüentemente na intimidade de si mesmas, começam a olhar para cima e vislumbrar outras possibilidades. Percebem as outras crianças que já habitam o alto, esse espaço desconhecido. Surge o desejo de subir!

## 5.2 SUBINDO

A impressão que tive foi que as árvores convidavam as crianças a subir, como um convite a exercerem a coragem. Uma “árvore inabalável” nas palavras de Bachelard, parece suscitar um desejo de subida, parece convidar para uma ação, ao exercício da vontade. Ela é resistente, dura:

“(...) o tronco de um carvalho atormenta em nós forças que almejam ser inabaláveis. É uma grande imagem da energia” (Bachelard, 2019, p. 51)

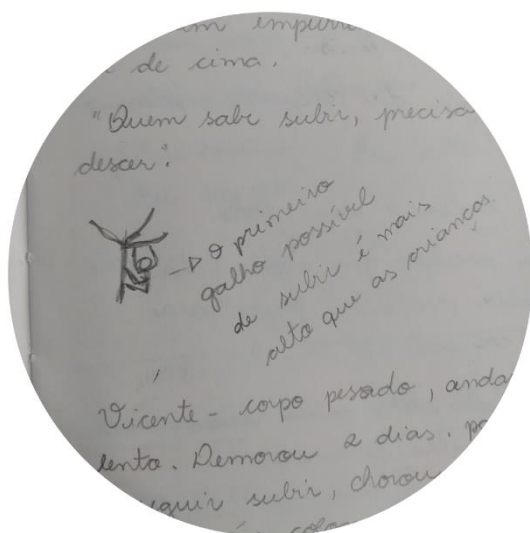
Energia, era preciso empregar muita energia e coragem para vencer a subida:

**Vicente (5 anos), olhava para as árvores com um misto de medo e vontade de subir. Olhava seus colegas lá no alto da goiabeira caçando goiabas, tão mais alto que ele... Passava as mãos em seu tronco. Ensaava uma aproximação da árvore e perguntava para seus educadores: “será que lá em cima tem lagarta? Será que tem abelha?” (trecho do diário de pesquisa (24/03/22))**

Essa árvore, que segundo Bachelard é tão terrestre quanto aérea, é objeto integrante entre a terra e o céu. Sua imagem material, possui as qualidades das

imagens da terra, da dureza da aspereza e da resistência. Algumas crianças persistiram por dias e dias nas tentativas de subida. Como que numa “briga” contra o tronco da árvore que permanecia imóvel aos seus desejos.

Uma luta contra a matéria: “com a palavra duro, o mundo expressa sua hostilidade e, em resposta começam os devaneios da vontade” (Bachelard, 2019, p. 51)



Pude presenciar diversas vezes esse exercício da vontade em todos que desafiavam a dureza das árvores. A árvore mais cobiçada era a amoreira, o primeiro galho possível de subir fica acima da cabeça das crianças, é preciso sustentar o próprio peso com os braços. O resultado era: mãos machucadas, choros, chateações.

**Menino grande, corpo pesado, andar lento. Morria de medo das árvores, dos seus insetos e suas surpresas. Dois dias inteiros de tentativas para subir na amoreira. Trouxe luvas, pois suas mãos tinham bolhas. Chorou, queria que alguém o colocasse lá em cima da árvore. Era preciso segurar no galho acima da cabeça e escalar com os pés o tronco da árvore, depois impulsionar o próprio tronco para cima até que os pés alcançassem o galho. Mãos, braços, pés e pernas precisavam trabalhar juntos, ao mesmo tempo. (diário de pesquisa, 24/03/22)**

Como um típico elemento da terra, a árvore não colaborava, não facilitava. Naquele momento, eram as crianças com elas mesmas, suas forças e habilidades estavam em jogo: “o trabalho contra a matéria. (...) a matéria não nos permite enganarmo-nos sobre nossas próprias forças” (Bachelard, 2019, p. 25)

Era necessário experimentar a si mesmo em contato com o ambiente (chão, texturas dos galhos e tronco) muitas e muitas vezes. E mesmo depois da primeira conquista, após descer e tentar subir novamente o desafio continuava:

**Cora (4 anos) depois de ter conseguido subir algumas vezes, quando tenta novamente diz: eu esqueci como se faz pra subir. Senta no chão, abraça as pernas e chora.**

**Vicente (5 anos) com as mãos machucadas, insiste na subida, pois está quase lá! mas no meio da subida as mãos não aguentam seu peso e soltam. Vicente cai de costas no chão. Eu estou ao lado, me levanto para ajudá-lo, mas antes que diga qualquer coisa Vicente levanta rapidamente, bate as mãos nas pernas, respira forte e bravo e segura novamente no galho e segue tentando subir. Um menino que sempre solicita a ajuda dos adultos em conflitos, desta vez, nem percebeu minha presença. (trechos do diário de campo 29/03/22)**

Frustradas pela materialidade daquela imponente árvore, as crianças persistiam dia após dia. Tal qual a criança que quando está aprendendo a andar e tenta dia após dia se manter ereta, verticalizada. Bachelard também nos fala dessa imaginação ascensional, dessa verticalidade contida nas imagens poéticas. Como os poetas, as crianças também se direcionam para as árvores em busca do despertar dessas forças da imaginação ascensional, uma vez que como imãs são atraídas para

a subida: “O dinamismo positivo da verticalidade é tão nítido que se pode anunciar esse aforismo: quem não sobre, cai” (Bachelard, 2001, p. 11)

Foi bonito de ver o quanto se dedicaram nas tentativas de subida, a partir de seus próprios desejos, sem que houvesse uma demanda externa de alguma atividade ou direcionamento. Mais bonito ainda foi poder perceber a alegria da chegada em seus olhos.

### 5.3 O TOPO. A CHEGADA

**“Daniloooooooo! Olha, eu tô mais alta que você!” - grita Cora, 4 anos, para seu educador do galho mais alto da goiabeira. (diário de campo, 29/03/22)**

Os primeiros “pousos” nos galhos lá de cima eram regados de muita emoção. Aqueles que conseguiam ali chegar, gritavam a todos pulmões inúmeras vezes “olha eu aqui!, olha eu aqui!”. Olhavam para cima, entre as folhas tentando subir mais. Olhavam para baixo, percebendo o novo ângulo de visão. Olhavam acima dos telhados, a rua depois das casas vizinhas, o vizinho do outro lado do muro:

**Lá de cima da amoreira, olhando por cima do muro, André (4 anos) conversa com o vizinho todos os dias: “Seu Oliveira! Oi Seu Oliveira! eu tô aqui comendo amora” (diário de pesquisa, 16/03/22)**

Uma alegria de algo novo conquistado a unhas e dentes e a alegria de uma nova perspectiva de visão, uma amplitude no olhar, uma liberdade no olhar. Subir e poder ver mais e mais além. Bachelard em seu livro *O ar e os Sonhos* (2001), ao analisar Nietzsche como um filósofo das alturas, nos diz que o ar é a substância mesma da nossa liberdade, a substância da alegria sobre humana: “ A alegria terrestre

é riqueza e peso - a alegria aquática é moleza e repouso - a alegria ígnea é amor e desejo - a alegria aérea é liberdade. (Bachelard, 2001, p. 136)

Estar no topo, estar no alto, estar acima das coisas. Ver o que estava oculto, alcançar uma liberdade. Lá em cima, as crianças pareciam estar a vontade, longe dos adultos e muitas vezes longe do olhar dos adultos, pois quando a árvore está repleta de suas folhas, não conseguia enxergá-los bem. O território aéreo era somente deles. Nesse sentido, a árvore muitas vezes ganhava ares de refúgio, de ninho, de abrigo. Muitas vezes via as crianças sentadas nos galhos sozinhas, em silêncio. Olhavam ao redor, passavam as mãos nos galhos, picaram folhas. Numa espécie de descanso solitário. Quando estava ventando e as árvores balançavam, as crianças continuavam lá como que empoleiradas em seus galhos sentindo o vento e o balançar dos galhos no próprio corpo. Bachelard nos fala dos devaneios dos embalos e do ninho em cima das árvores: “A árvore é um ninho imenso balouçado pelos ventos. Não se tem a nostalgia dele como de uma vida quente e quieta, tem-se a lembrança de sua altura e de sua solidão.” (Bachelard, 2001, p. 218)

Em seu descanso solitário, refugiando-se entre os galhos das árvores, pareciam abraçadas por elas. Mas ao mesmo tempo, existia uma certa tensão, pois mesmo sentadas, sempre uma de suas mãos estava apoiada em algum galho. Isso porque estar lá no topo, exigia deles uma atenção maior, pois existia a possibilidade da queda.

*A vida na árvore é assim, um refúgio e um perigo*

...

*Na árvore, o embalo permanece como um perigo enquanto o ser não toma consciência de sua agilidade, de sua leveza, de sua habilidade para "dependurar-se" nos ramos (Bachelard, 2001, p. 217)*

O olhar dos recém “passarinhos” chegados nas árvores era por vezes apreensivo. Mãos bem coladas nos galhos, pés tateando devagar para sentir em qual lugar poderiam pisar. Algumas vezes, olhavam para os adultos lá embaixo e questionavam:

**“Será que esse galho aqui dá pra pisar?”**

**Elis, 4 anos (diário de pesquisa 15/03/22)**

Outras vezes soava o alarme da insegurança e do medo, gritando ajuda para os adultos:

**“Ai, não consigo descer, tá muito alto!”**

**Elis 4 anos. (Diário de pesquisa, 15/03/22)**

Mas o medo e a insegurança não impediam que tentassem todos os dias subir mais e mais. Desde as crianças mais temerosas e introspectivas, até as mais audaciosas e extrovertidas subiam nas árvores. A cada dia iam se conhecendo melhor, percebendo sua força, sua habilidade, onde colocar a mão, o pé, etc. E iam também conhecendo mais da estrutura da árvore, o quanto seu galho aguenta, qual melhor lugar para pisar, para segurar.



\*bordado feito por Karlla Almeida a partir do desenho feito pelo Vicente (5 anos) especialmente para esta pesquisa.

**Entre a terra e o céu.  
Asas e raízes**

## 6 ENTRE A TERRA E O CÉU. ASAS E RAÍZES

**“Como é bom ser grande para poder subir em árvores!” disse a Bia, 5 anos. (<sup>4</sup>relato coletado do Livro da vida da Cabana dos Brinquedos)**

*“a árvore não é dura sem razão. É dura para levar ao alto sua coroa aérea, a sua folhagem alada”* (Bachelard, 2019, p. 56)

As árvores, estes seres da vida vegetal, estão entre o céu e a terra. Nos dão asas e raízes.

A árvore em si, sempre foi uma imagem que suscitou em mim uma sensação de permanência. Nos meus bordados, elas apareciam sempre muito robustas, estáveis e bem enraizadas. E suas copas lindas e frondosas, com flores e frutos representando esse sentido da vida que é contínuo.



---

<sup>4</sup> O Livro da Vida é uma ferramenta de registro do cotidiano das crianças utilizado pelos educadores da escola Cabana dos Brinquedos semanalmente. Lá escrevem ou desenham as falas, gestos e narrativas das crianças.

Nos desenhos que as crianças fizeram, as árvores são representadas com troncos fortes e bem colocados no chão. E, ao observá-las desenhando, pude perceber que sempre iniciavam o desenho partindo do tronco com traços mais fortes para depois surgirem os galhos e folhas. Isso porque, para bordá-los, precisei seguir à risca a sequência em que os traços apareciam, e em todos, precisei iniciar pelo tronco. Nas copas, também aparecem os frutos, no caso do desenho feito pela Elis e pelo Vicente, cachos e mais cachos de frutos de amoras.



Vicente 6 anos (2022)



Elis 5 anos (2022)

Ao sugerir que fizessem um desenho sobre as árvores que mais gostavam, me surpreendi com o fato de que em alguns desenhos, as crianças se colocavam em cima das árvores, outras vezes ao lado delas, mas sempre num paralelo. Em nenhum desenho elas apareceram embaixo delas e, no caso das crianças que ainda não subiam muito em árvores ou estavam aprendendo a subir, não se colocaram no desenho.

Iniciavam desenhando o tronco, depois iam para os galhos, copa, frutos e em seguida e por último, desenhavam eles mesmos em cima, em meio as folhas, frutos e galhos, como que num paralelo, num espelhamento com essa árvore, entre o céu e a terra.



Cora 5 anos (2022)



Vicente 6 anos (2022)

Note como eles se colocam junto da árvore, em cima dela, em sua copa.

“Para a imaginação, viver na grande árvore, sob a enorme folhagem é sempre ser um pássaro. A árvore é uma reserva de vôo.” (Bachelard, 2001, p. 217)

Por alguns momentos poder ser pássaro, sentir o vento no rosto, a sensação de liberdade, libertar-se do chão, balançar-se nos galhos, enxergar além, além dos muros, dos telhados das casas, sentir-se grande, alto, potente! Mas ter sempre a robustez e a firmeza abaixo de si, a segurança tranquila da árvore quando desejar repousar - pousar. Assim é esta enorme imagem da vida vegetal:

“A vida vegetal, se estiver presente em nós, infunde-nos uma tranquilidade do ritmo lento, seu grande ritmo tranquilo. A árvore é o ser do grande ritmo, o verdadeiro ser do ritmo anual.” (Bachelard (2001, p. 228)

Após dias de afastamento do quintal por conta de chuvas fortes, ou temperaturas muito baixas, a primeira coisa que ouvia as crianças dizerem umas para as outras quando podiam voltar para lá era: “*vamos subir na árvore?*”. Faziam planos e quando chegavam no quintal lá estavam elas à sua espera. Em sua "constância vertical", como diz Bachelard (2001), a árvore é de fato uma morada, uma espécie de

Castelo do sonho. Em dias de tanta correria e fragmentação, ter contato com imagens e materialidades que trazem esse sentido de constância pode ser realmente regenerador:

*É ela que se mostra a mais nítida, a mais exata, a mais segura, a mais rica, a mais exuberante em suas manifestações rítmicas. A vegetação não conhece contradição. (...) Nenhuma tempestade impede a árvore, ao chegar a hora, de tornar-se verde. (Bachelard (2001, p. 228)*

## 7 PEQUENA CONCLUSÃO.

“As crianças estão nas fontes do saber” (Françoise Dolto)

Este presente trabalho foi um percurso que se iniciou primeiramente dentro de mim, dentro das experiências ou não-experiências com a árvore e com as crianças. Digo não-experiência, porque não tinha muita intimidade com as árvores, apesar de admirá-las e pintá-las com linha e agulha. Neste sentido, recordo que Larrosa coloca a respeito do objetivo da escrita que: “escrevemos para transformar o que sabemos e não o para transmitir o já sabido” Larrosa (2017, p. 5). Assim, saio dessa escrita-experiência transformada. Minha relação com as crianças e com a natureza, não é mais a mesma.

Difícil finalizar, concluir, encerrar, quando me sinto começando a compreender, sentir e perceber o que as crianças têm a nos dizer sobre sua relação com a Natureza, com os elementos naturais e aqui em específico, com as árvores deste quintal. Relação esta, já há muito esquecida, deixada de lado para dar lugar a um cognitivismo exagerado.

Comecei este estudo emprestando a frase de Manoel de Barros (2015) para dizer de meu desejo de “aprender o idioma das árvores” e das crianças. As crianças me apresentaram esse idioma, me levaram pra junto delas e das árvores, junto do desafio da subida. Depois, me levaram lá para cima, no topo, na copa, e pude ver tantas coisas que não via, não sabia, não conhecia. Utilizando a luneta, ou melhor dizendo, o caleidoscópio dos textos de Bachelard (2001) e explicações do querido estudioso Gandhi Piorski (2016), pude desdobrar o que via e ouvia das crianças, tecendo considerações sobre o exercício da vontade, a alegria da chegada, a sensação de liberdade, enfim, sobre esse imã contido nos elementos naturais que tanto atraem as crianças, especialmente a imagem da vida vegetal, desse grande e imponente vegetal que é a árvore.

Elas me contaram que gostam de estar ao ar livre, que o medo, o choro e a queda tem sua importância e seu lugar na vida. Me contaram que sentem alegria, imensa alegria em crescer, em subir mais e mais. Disseram-me, através de seus gestos, que adoram as alturas, que apreciam a solidão e o silêncio acolhedor da copa das árvores.

Persistir. Me mostraram que quando se cai, é possível se levantar e insistir quantas vezes for necessário. Que as quedas, as dores, os machucados nos mostram mais sobre nós mesmos, sobre nossas forças, nossas fraquezas.

Pude perceber que quando me coloquei à disposição para observar o que elas tinham a me dizer, elas de alguma forma entenderam que poderiam me contar coisas e me chamavam para mostrar suas peripécias nas árvores. Entenderam de tal forma que eu poderia ser sua porta voz, que muitas vezes diziam: **“tira uma foto e mostra pra minha mãe!”**, **“filma eu! olha o que eu sei fazer! manda pro meu pai e pra minha mãe!”**. Isso mostra o quanto é possível e necessário escutar as crianças, mesmo as mais pequenas encontram modos de nos dizer das suas necessidades, da forma como veem o mundo, como vivem esse mundo.

Talvez uma das maiores lições, tenha sido exercitar a confiança nas crianças, na sua natureza, nas suas potências. Muitas vezes fui confrontada com o medo- da queda, do choro, do machucado. Mas todas as vezes não intervi e pude constatar que, quando em liberdade, as crianças sabem seus limites, conhecem suas possibilidades e que o risco e o medo precisam ter seu lugar na vida infantil.



Vicente de 6 anos (2022)

Essa imagem da árvore e o menino, desenhada pelo Vicente, menino esse espelhado nessa grande árvore, esse “dois em um”. Trouxe uma imagem importante sobre todo esse percurso de observação e pesquisa. Imagem desse paralelo entre as crianças e as árvores, esses dois enigmas, dois devires tão maravilhosos que costuma-se querer dominar, dominar sim! por medo, por perceber-se neles um outro que nossos saberes não abarcam, o enigma da Infância e o enigma da Natureza. As escolas, as pedagogias, segundo Larrosa, caíram na tentação de desejarem ser as donas do futuro, as construtoras do mundo, mas para isso precisou-se: “dominar primeiramente tecnicamente (pelo saber e pelo poder) as crianças que encarnaram o futuro por vir e o futuro por fabricar” (Larrosa, 2017, p. 244)

Com a prerrogativa de estar pensando no futuro das crianças, de prepará-las para a vida adulta, pautados num tecnicismo exagerado, disfarçado de um suposto saber sobre o que é melhor para as crianças, a sociedade foi criando mecanismos de controle, de coerção para as infâncias. Seu corpo não é mais seu, passa a ser instrumento de aprendizagem de conteúdos selecionados por especialistas que, na maioria das vezes, nunca estiveram diante de uma criança, ou dentro de uma instituição que cuida de crianças. Práticas pedagógicas que oprimem ao invés de potencializar.

A pesquisadora Lea Tiriba (2021) em seu livro Educação infantil como direito e alegria, traz importantes reflexões sobre o papel da escola na formação de sujeitos mais conectados com a natureza, e conseqüentemente com a vida. Para tanto, Lea questiona várias práticas escolares como o fato das crianças de 2 a 6 anos terem que ficar sentadinhas em roda por mais de 15 minutos a pretexto de ouvirem histórias, ou conteúdos que supostamente lhe farão bem no futuro, ou terem que cobrir letras ou desenhar sobre figuras padronizadas feitas por adultos e não por elas. Deixando de brincar lá fora, de estarem com seus pares, o que as alegra e consideram bom para atender a um currículo que defende algo para seu futuro: “[...] isso, de fato, contribui para o seu crescimento sadio, alegre - é bom? Ou, ainda que sofisticada, é apenas uma estratégia para o seu sucesso na hierarquia escolar, e posteriormente, no mundo do trabalho?” (Tiriba, 2021, p. 196).

Assim se faz também com a natureza, subjugando-a, dominando-a a seu bel prazer para abarcar as supostas necessidades da sociedade do futuro, sociedade moderna que tudo sabe, tudo domina, onde não há mais espaço para o mistério, para

o encanto. Rita Mendonça (2012), em seu livro Meio ambiente e Natureza traz a questão de como a Natureza foi sendo transformada ao longo da história em apenas um recurso natural:

*Antes modelo e inspiração, agora ela passa a ser uma simples ferramenta. Sendo a natureza farta em possibilidades, que passaram a ser chamadas de recursos naturais, a indústria e a economia baseada no crescimento industrial se expandiram com imensa força, trazendo entusiasmo em relação a seus produtos e convicção de que este é o melhor (o único?) caminho para a humanidade. Mas os efeitos colaterais dessas conquistas não param de crescer, deixando um vazio existencial cada vez maior para cada um de seus cidadãos, agora autodenominados e reduzidos a consumidores. (Mendonça, 2012, p. 84):*

Françoise Dolto (2005), psicanalista de crianças, dizia que os adultos querem compreender as crianças e dominá-las, mas eles deveriam escutá-las, pois estas estão nas bases do conhecimento. E o que temos feito, enquanto sociedade, sistematicamente é estarmos surdos diante das crianças e da vida, no caso, a natureza. Surdos aos recados constantemente dados pela natureza e pela nossa natureza, tão bem representada pelas crianças que constantemente buscam experiências ricas com a terra, as árvores, as plantas, as águas.

Já dizia Rousseau (2014, p.24): “observai a natureza e segui a rota que ela vos traça”. Assim como as árvores, as crianças têm muito a nos ensinar, a nos dizer.

Sendo assim, esta pequena pesquisa para mim não possui um ponto final, mas uma vírgula ou talvez dois pontos, ou ponto e vírgula. Considero, como diria Manoel de Barros um “abridor de horizontes” para poder continuar exercitando esse “não saber quase tudo” desse universo contido em cada criança que encontro, compartilhando as experiências desses encontros com outras pessoas, dizendo com toda fidelidade o que tenho escutado das crianças ao meu redor.

Junto com Bachelard, por hora, gostaria de finalizar com essa breve reflexão: “E, quando a flor vai se abrir, quando a macieira vai dar sua luz, sua própria luz, branca e rosada, saberemos com certeza que uma única árvore é todo o universo” (Bachelard, 2001, p. 229).

E como não poderia ser diferente, ainda gostaria de trazer a voz das crianças coroando esse lindo percurso que foi estar com elas, estendendo o convite que recebi e recebo todos os dias neste quintal:

***“Vamos na árvore?” (Melina 5 anos)***

## 8 REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão: a natureza o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: Danças piruetas e mascaradas**. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. **Emílio ou da Educação**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

DOLTO, Françoise. **A causa das crianças**. 3. ed. São Paulo: Idéias & Letras, 2005.

MENDONÇA, Rita. **Meio ambiente & natureza**. São Paulo: Senac São Paulo, 2012.

BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior que o mundo**. Antologia. 1. Ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. Ed. Leya: São Paulo, 2010.

## **APÊNDICE 1 - QUEM PARTICIPOU DESTA PESQUISA**

Todas as crianças matriculadas na Escola de Educação Infantil Cabana dos Brinquedos no ano de 2022.

### **Lista das crianças:**

André Oliveira, Pedro Oliveira, Cora Barone, Laura Kapusta, Lucas Fortti, Melina Varjão, Marina Freire, Mateus Muller, Vicente Zan, Vitor Marcassi, Beatriz Camara, Benjamin Battistella, Catarina Sfreddo, Catarina Alves, Elis Benatto, Felipe Zen, Hanna Yamada, Helena Mileck, Joana Carvalho, Maria Flor Masson, Otto Loch, Pedro Durão, Theo Durão.

### **Todos os educadores que atuaram junto das crianças no ano de 2022:**

Danilo Pepino, Luana Ausvaldt, Daniel Almeida, Daniele Leite, Andrieli Silva, Karlla Almeida

**APÊNDICE 2 - DESENHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS**

Cora 5 anos (2022)



Vicente 6 anos (2022)



Vicente 6 anos (2022)



Vitor 5 anos (2022)

**APÊNCIDE 2 - DESENHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS**

Laura 4 anos (2022)



Melina 6 anos (2022)



Marina 6 anos (2022)



Elis 5 anos (2022)

**APÊNDICE 3 - MODELO DE AUTORIZAÇÃO SOLICITADO ÀS FAMÍLIAS**

Curitiba, \_\_\_\_\_ de novembro de 2022.

Eu, \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, responsável por \_\_\_\_\_, idade \_\_\_\_ anos, autorizo o uso de imagem, assim como o uso do primeiro nome da criança, na pesquisa de campo para o curso de especialização Latu Sensu intitulado "A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis" realizada pela educadora Karlla Almeida na Escola de Educação Infantil Cabana dos Brinquedos durante o ano de 2022.

\_\_\_\_\_  
Ass responsável